

RESENHAS

AURAS, Marli. *Guerra do Contestado: a organização da irmandade cabócla*. Florianópolis, Editora da UFSC/Cortez Editora/Assembléia Legislativa de Santa Catarina, 1984, 206 p.

Segundo Walter Benjamin, articular historicamente o passado não significa conhecê-lo como ele verdadeiramente foi, mas apoderar-se de uma lembrança no modo, pelo qual cintilou no instante de um perigo. Importa fixar uma imagem do passado tal como se apresentou ao sujeito histórico repentinamente no momento de perigo. Perigo que é transformar-se em instrumento da classe dominante. Devemos, portanto, olhar para o passado não segundo a ótica da historiografia oficial, mas segundo a da história dos vencidos. A partir daí podemos empenhar-nos na libertação dos vencidos de ontem e de hoje; podemos despertar do passado suas esperanças sufocadas. A história não é coleção de vitórias que se justapõem rumo aos píncaros do desenvolvimento, mas um monte de cacos, uma fratura exposta que atormenta aqueles que não têm poderes para reivindicar seus direitos. Da mesma forma como certa psiquiatria poderia falar em psicose e como fracasso social ou biológico de ajustamento, certa historiografia observa a história como o olho do progresso, com o olho pretensamente "objetivo" de quem tem óculos especiais para evitar ver andares e fraturas.

Parece ser esta a ótica de Marli Auras, ao contar-nos o Contestado (1912-16) a contrapelo, isto é, do ponto de vista dos vencidos. Se ela apresenta a história fatural, é em função de seu

projeto de mostrar as comunidades como **instituintes**, contrapondo-as ao **instituído**. A dominação ocorre quando as comunidades vivem a história (no cotidiano) como instituída, sendo impedidas a recusa e a ação. O Contestado prenuncia o fim das oligarquias da República Velha. Duas questões básicas devem ser anotadas: o coronelismo e o messianismo. Os coronéis eram "senhores das terras e das gentes nelas presentes". Mas a terra vai passando de sua condição de bem de uso para a condição de mercadoria à medida que, no começo do século, o capital estrangeiro inunda a região, basicamente através de Percival Farguhar que desejava construir um gigantesco sistema ferroviário unificado na América do Sul. Quem traçou um interessante perfil de Farguhar e das falcatruas da época foi Márcio Souza, em seu **Mad Maria**. Uma das ferrovias cortou a região contestada, trazendo uma série de problemas de natureza sócio-econômica. A força dos "novos interesses" chega à região de trem, e seu interlocutor é o "novo coronel". O peso da antiga e respeitada voz do coronel começa a soírer radical alteração, frente à nova "racionalidade" que acompanha os detentores de capital, como Farguhar, favorecido pelas bênçãos governamentais. Isso nos parece familiar?

Enfim, começa a ficar mais clara, para o sertanejo, a estrutura da dominação. A companhia de Farguhar tra-

tava os trabalhadores com brutalidade, reprimindo severamente quaisquer protestos, através de seu corpo de segurança". O sertanejo começa a conhecer também o poder do Estado, antes oculto sob uma máscara de "compadrio", que dava caráter igualitário a dominantes e dominados. O que resta, então, a esta plebe rural, abandonada e desajustada no quadro institucional? O messianismo. Diz Marli: "incapaz de perceber, numa perspectiva de totalidade, os mecanismos econômico-político-sociais que, em seu processo de dominação, conferiam sentido ao estrangulamento de sua existência, o homem do interior não tem condições de conferir um cunho claramente político à sua luta". A práxis religiosa é a única possibilidade concreta pela qual o rebelde pode dar vazão ao seu protesto. E a situação se agrava até o conflito armado, que dura 4 anos, até que as forças da lei e da ordem vençam a "loucura".

O aspecto fundamental ressaltado pela autora, e que desperta em função do enfoque adotado, é a organização dos cablocos, que não foi dada "a priori", mas surgiu ao longo da prática de estar juntos, sob determinadas condições históricas. As posições de liderança não eram outorgadas,

como no mundo "externo" à irmandade cabocla, mas eram vivamente conquistadas no cotidiano. É por esta razão que a irmandade adquire tanta coesão e tanta força? Afinal, como foi possível que a guerra santa tenha durado tanto tempo e tenha dado tanto trabalho às tropas da República Velha, aos capitalistas estrangeiros e aos coronéis, sem nem mesmo terem os rebeldes as armas das mais modernas técnicas de destruição?

Ao escrever o Contestado (episódio até há pouco não muito estudado) a contrapelo, Marli nega os vencedores de hoje, herdeiros dos de outrora, e tenta resgatar a esperança do passado. Esperança dos caboclos que tentaram organizar sua visão de mundo negando a linguagem da dominação, a fala do vampiro que suga pescoços diurnos e noturnos. O que os vencedores registraram como sucesso não foi senão a barbárie. Como disse Marcuse, esquecer o sofrimento passado é perdoar as forças que o causaram, sem derrotar essas forças. As feridas que saram com o tempo são também as feridas que contêm o veneno. Marli quer abrir a ferida tapada com gesso lisinho e branco para nela descobrir o veneno que ainda continua apodrecendo, até hoje, a carne.